

GERARDO PEREIRA-MENAUT (1946–2015)

◀◀ Mais continuo a viver, meu caro Xosé!»: encontro agora esta dedicatória, no texto «L'utopia (politica) sta nella cittadinanza (romana) – non nell'etnia. Per una quarta Roma», que Gerardo Pereira–Menaut escreveu em *Athenaeum* XCV 2007 803–814. E es-toutra «Continuo a traballar» em anterior artigo, publicado na mesma revista: «Che cos'è un *munus*?» (*Athenaeum* XCII 2004 169–215).

Como explicita logo no início deste último texto, trata-se do «primeiro capítulo de uma monografia sobre os *munera* da Cidade Romana Ideal, integrada no projecto *La Economía Política de los Romanos*», um projecto que concebera e que estava em curso.

Respondiam, decerto, as dedicatórias à pergunta que eu, de vez em quando, lhe fazia: «Que é feito de ti?». Na verdade, passavam-se longos períodos sem que soubéssemos um do outro e o envio da separata de um trabalho era motivo para mutuamente nos garantirmos que... continuávamos vivos e a trabalhar!

Gerardo, depois de muito ter lutado precisamente para pôr em acção projectos colectivos, amiúde se refugiava no silêncio, como que a ganhar coragem para novas campanhas em prol da ciência e da cidadania. Não é, pois, ocasional a escolha destes dois títulos, que são, de facto, os das duas últimas separatas impressas em papel que dele tenho na minha biblioteca.

Tenho, porém, em pdf, mais um, deveras sintomático, que foi publicado na revista *Veleia*, de Vitoria, acerca de «El moderno debate sobre la romanización», que dividiu em quatro partes, de títulos mui significativos: «Marruecos, la gaita y los celtas», «La Amazonía y el paraíso

budista», «Irlanda y nadie más», «Epílogo: Obama el romanizado». E explicava:

«Voy a tratar este gran tema sirviéndome de cuatro pequeñas historias reales. Al final de cada una de ellas expondré lo que *Callaecia*, es decir, la investigación reciente sobre la antigua *Callaecia* y su romanización, han aportado al debate».

Era *Callaecia* a sua praia, a sua dama, o fulcro da sua investigação. Diga-se, porém, desde já, que não era uma *Callaecia* utópica, mas uma Galiza real, que prazenteiramente se poderia discutir e revelar em torno de uma queimada, ao cair da noite, após a ceia!...

Essa, aliás, a imagem que logo me surge de Gerardo, desde que o conheci, primeiro em Guimarães (Junho de 1979), por ocasião do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular e, em Setembro do ano seguinte, na realização do II Seminário, em Santiago de Compostela. A sua figura era a de investigador, sim, mas cativava pela atenção, pela arte bem galega de saber receber. Não esqueço que, em 1980, levámos connosco a nossa filha mais nova, a Patrícia, de 8 anos. Gerardo achou-a parecida com a filha de Júlio Iglésias e, desde então, perguntava-me sempre pela... «filha de Júlio Iglésias»!

Era assim Gerardo: vivia!

Escreveu Patrick Le Roux:

«Il est dommage qu'il ait choisi trop tôt de rester à l'écart dans son Finistère qu'il aimait plus que tout».

Creio, porém, que as periódicas retiradas da cena académica correspondiam precisamente a essa vontade de reflectir, hoje tão dificilmente concretizável por força de autoritários mecanismos economicistas anti-humanos.

Recordo sintomaticamente, a esse propósito, dois dos seus escritos: «Formação técnica vs. Humanismo. Aproximação crítica» e «La felicidad como fenómeno histórico: La Grécia Clásica» (*Veleia* 17 2000 51–60). Perdoar-se-me-á se anoto a dedicatória manuscrita deste último: «En homenaxe ao *savoir vivre* do meu amigo José d'Encarnação». E não será despidiendo dar conta de que esse texto de *Veleia* resulta

da conferência que, «en los primerísimos años 80», pronunciou em Vitoria, quando se instalava a nova Facultad de Geografía, Historia y Filología e era preciso entusiasmar os estudantes. «El reclamo funcionó», declara Gerardo, que acrescenta:

«La conversación siguió después en un local cercano, en la atmósfera de distensión que entre nosotros se produce cuando, terminado el trabajo serio en la Institución, lo continuamos luego, magnificado y sublimado, en el Bar, sobre un “vaso de bon vino”, como diría Berceo».

E conclui:

«No sé si hoy sería capaz de preparar y pronunciar una conferencia sobre la felicidad, por mucho que tenga de historia dura y pura. Ni en Euskadi ni en ninguna otra parte. Siento que resultaría casi obsceno. Y esto es, en sí mismo, un buen objeto para el pensamiento».

E permita-se que —nesse domínio da reflexão que se impõe— volte atrás ao texto em que Gerardo Pereira–Menaut contrapõe a Técnica ao Humanismo. Publicou-o no volume *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam* (Faculdade de Letras da U. Porto, 1999, p. 175–185), edição coordenada por Mário Jorge Barroca. Carlos Alberto Ferreira de Almeida falecera —também ele!—, inesperadamente, a 28 de Julho de 1996, com apenas 61 anos de idade, na Playa Guacuco (Venezuela), quando tentava salvar o filho; e foi um dos colaboradores activos de Gerardo Pereira nas suas investigações sobre os povos pré-romanos do Noroeste peninsular. Vale a pena transcrevermos, por isso, parte da sua nota inicial:

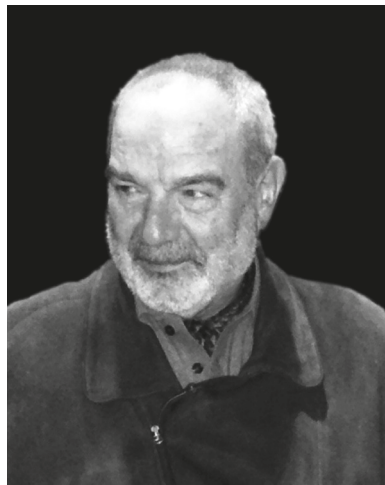
«O título deste artigo transmite a ideia de que existe uma confrontação entre as humanidades e as ciências na sua aplicação prática, a técnica. A questão é já velha, mas goza de muito boa saúde. Quase me atreveria a dizer que cada vez está mais viva, talvez porque os perigos que espreitam a formação humanística se tornam cada vez maiores e mais reais, à medida que avança a tecnificação e o consumismo na nossa sociedade».

Foi grande, como se compreende, a Amizade que, por mais de três décadas, nos uniu, porque partilhávamos a mesma forma de encarar a vida, num desejo enorme de pormos ao serviço da comunidade os

talentos que nos haviam sido confiados. Por isso, eu abracei com mãos ambas o projecto por ele iniciado de, periodicamente, ao longo dos anos, reflectirmos sobre a História Antiga nesta nossa Hispânia – «na Instituição e no Bar»! Que os Congressos Peninsulares de História Antiga servissem também para, nesse clima de assaz agradável convívio, pensarmos o que fôramos para, de futuro, lograrmos ser melhores.

Com enorme êxito, consubstanciado na publicação dos três volumes de actas, se reuniu em Santiago de Compostela (de 1 a 5 de Julho de 1986), o que ora podemos chamar o primeiro *Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Congresso, que foi «lugar de encuentro y de discusión», «concebido también, desde el comienzo, como una empresa que debía ser hecha entre muchos», «el comienzo de lo que el espíritu de colaboración y la madurez de nuestros estudios permiten augurar para el futuro. En el futuro debe de haber más colaboración y más comunicación entre todos nosotros».

Aceitei o desafio e reunimos quatro anos depois, em 1990, de 18 a 20 de Outubro, o *II Congreso Peninsular de História Antiga*, em Coimbra, onde Gerardo apresentou, com Dolores Dopico, a comunicação «La gran inscripción de Remeseiros (CIL II 2476). Sobre la forma jurídica de tenencia de la tierra entre los indígenas bajo dominio romano» e onde tive a honra de o convidar a fazer o discurso de encerramento. E



lográmos publicar, em 1993, grosso volume de actas (1182 páginas!). Daí partimos para Vitoria. Aí se celebrou, em Julho de 1994, o III Congresso, pelas mãos do amigo comum Juan Santos Yanguas. No final, previu-se a continuidade para a Andaluzia, mas tal desiderato não chegou a concretizar-se; aliás, já a publicação das actas do III se não fez, falta de certo modo suprida pelos dois volumes das pre-actas disponibilizados. A série sonhada por Gerardo não teve o seguimento esperado...

Nunca se podia estar mal disposto junto de Gerardo. A sua proverbial serenidade a todos encantava. E que me seja permitido recordar os bons momentos que vivemos com ele, em Outubro de 2013, no Colóquio Internacional «Las Ciudades del Poder en Hispania», realizado em Lugo, mui provavelmente uma das suas últimas aparições numa reunião científica.

Gerardo Pereira trabalhou com Géza Alföldy, em Heidelberg, de que resultou a publicação *Inscripciones Romanas de Valentia* (Valência, 1979).

Foi, de facto, a Epigrafia a sua primeira grande paixão, tendo lançado mão à preparação de novos *corpora* da Galiza romana: *Corpus de Inscriptiões Romanas de Galicia. I – Provincia de A Coruña*. Santiago de Compostela, 1991. O II – *Provincia de Pontevedra* (1994) deve-se a Gemma Baños Rodríguez.

Recordo as grandes questões que o entusiasmaram: o significado do C invertido, as epígrafes da Fonte do Ídolo de Braga, a organização dos povos galaicos sob o domínio romano...

Mais recentemente, a sua preocupação —como a de todos nós, aliás...— foi a do risco, perante a avassaladora globalização, de os povos (neste caso, a sua querida Galiza) perderem a identidade. Em 2010, na sua condição de Director del Observatorio Galego do Território, proclamava, por exemplo:

«Al destruir el paisaje hemos destruido también la identidad del país».

Natural de Santiago de Compostela, onde nascera a 10 de Janeiro de 1946, o Professor Gerardo Pereira–Menaut aí faleceu, vitimado por enfarte cardíaco, a 15 de Fevereiro de 2015. Uma vida que bem lamentamos ter sido tão curta, quando tanto haveria ainda para nos ensinar! Em todo o caso, o essencial da sua lição calou–nos bem fundo: estamos aqui para... viver!

José D'ENCARNAÇÃO

